

**UM HISTORIADOR E SUAS AVENTURAS:
PIERRE LÉVÊQUE¹**

Realizada e traduzida por José Antonio Dabdab Trabulsi

1. *Falemos, para começar, de sua formação como historiador da Antiguidade, de seus primeiros trabalhos, e de sua preocupação com o "grande público".*

É preciso, para isso, remontar a 1964, ano de publicação da *Aventure grecque*. Até este livro eu tinha feito essencialmente minhas duas teses, no sentido francês do termo, ou seja, coisas enormes. A "pequena tese" foi dedicada a Agathon, um poeta trágico muito importante, mas do qual só resta uma centena de versos; e a outra, a "grande tese", dedicada ao rei Pirro. Eu fui muito influenciado por este assunto, tendo em vista que uma grande tese era objeto de pesquisas durante dez anos, se o pesquisador fosse ágil, frequentemente quinze anos. Permanecer estudando um assunto, um período, tanto tempo, fazia do pesquisador um verdadeiro especialista. Para isto, eu continuei a me interessar pelas relações entre a Grécia e as colônias da Magna Grécia e da Sicília, depois com a Itália e particularmente com a Roma Republicana.

De tal maneira que, como uma espécie de fio que corre ao longo de minha obra, eu desenvolvi pesquisas, das quais algumas são recentes, sobre a colonização no Ocidente e participei de Congressos em Nápoles, Palermo, Siracusa. É neste panorama que se inserem minhas pesquisas sobre as origens da moeda romana, na sua relação com a moedagem da Magna Grécia e, particularmente, com a moedagem da Campânia, já que as primeiras moedas de Roma seguem este padrão.

Este interesse que eu sempre tive pela Itália do Sul foi aumentando pela amizade que me ligou ao professor de História grega da Universidade de Nápoles, Ettore Lepore, por quem tive grande admiração. As inúmeras conversas que tivemos sobre os problemas mais fundamentais das sociedades antigas muito representaram para mim. Este interesse comum pela Itália do Sul e Sicília, no

¹ Pierre Lévêque, francês, nascido em 1921, cursou a Escola Normal Superior (rue d'Ulm) de Paris e foi membro da Escola Francesa de Atenas. Depois de ter ensinado nas universidades de Lyon, Montpellier, Fribourg, ele lecionou por várias décadas na Universidade de Besançon, onde dirigiu também dois laboratórios do CNRS. Publicou centenas de trabalhos: os mais conhecidos encontram-se numa curta bibliografia, ao final da entrevista.

prosseguimento do trabalho da tese, serviu-me de ponto de referência sobre Nápoles. Eu participei, várias vezes, no famoso colóquio de Tarento, incomparável centro de encontros e debates.

Ao mesmo tempo, eu não deixei de fazer trabalhos de difusão da pesquisa. Eu sempre tive um interesse enorme na possibilidade de interessar os estudantes, professores, quem sabe, um público ainda mais amplo, pela pesquisa sobre a Antiguidade. E, se hoje isto é coisa comum, se o que se chama comumente o interesse pelas nossas raízes apaixona os leitores, o mesmo não acontecia há vinte anos. Eu investi muito na *Aventure grecque* e também em dois pequenos livros, que são também convites à viagem: *Nous partons pour la Grèce* e *Nous partons pour la Sicile*, várias vezes reeditados, o que me permitiu atualizar a documentação, e onde eu tentei interessar os estudantes em suas mesas de trabalho, tanto quanto os viajantes à Grécia.

Mais ou menos na mesma época da *Aventure grecque*, eu fiz, com o meu velho mestre Louis Séchan, professor de Poesia grega na Sorbonne, um livro que se chamou *Les grandes divinités de la Grèce*. Foi uma colaboração de muitos anos, domingo após domingo, muito enriquecedora para mim, apesar das dificuldades, em especial, a grande diferença de idade. Este livro foi verdadeiramente o resultado de uma colaboração (mesmo se fui eu a fazer a revisão final).

Foi isto o mais importante da minha atividade, até o momento em que tive a ocasião de fazer outros dois livros, um que é próximo da *Aventure grecque* e que se chama *Empires et barbaries* (em 1966). Era um livro da coleção Larousse, de enorme difusão e preço módico, que era vendido até nas tabacarias, portanto, correspondeu a uma necessidade. Tinham me pedido que escrevesse a história do século III a.C. ao século III d.C. Eu tentei, pela primeira vez, de forma mais aprofundada que na *Aventure grecque*, interessar-me por tudo o que não era greco-romano, sírio, egípcio ou mesopotâmico, ou seja, tudo o que saía da História Antiga tradicional, concebida como a soma Oriente-Próximo, Grécia, Roma. Eu tentei levar em conta a totalidade da Terra, toda a Ásia, a Oceania, a África, só deixando de lado as Américas que, nestes séculos, estavam praticamente cortadas do resto do mundo. O que me interessou neste livro, foi a possibilidade de me documentar sobre o que se passou entre os Eslavos, na Austrália ou na Indochina, no momento em que havia, na Grécia, a época helenística e, em Roma, os imperadores. É um livro que, penso eu, foi na época útil a muita gente.

Em seguida, houve um período em que eu não fiz mais livros para o grande público, até que a Gallimard me pediu um livro sobre a Grécia. Eu escrevi, então, *La naissance de la Grèce*, pequeno livro, muito ágil, escrito em uns dez dias

de intensa concentração, com belíssimas ilustrações, escolhidas por especialistas em documentação, e um texto que eu tentei fazer curto, mas preciso. Isto é então, o que eu chamaria a segunda parte da minha atividade científica, voltada para a difusão.

2. *Outro aspecto de seu trabalho é o interesse pela história das religiões, domínio onde o seu método difere sensivelmente, por exemplo, do de Jean-Pierre Vernant. Como poderíamos explicar este aspecto de sua obra?*

Houve uma mutação fundamental em mim, quando passei a me interessar menos pelos problemas da época helenística e quando me interessei menos pelos livros de difusão. Houve todo um período em que apenas pesquisei, e foi para mim o meio de mudar de orientação intelectual. Por que? Nem eu sei. Eu sempre tinha sido muito atraído pelos problemas religiosos. Um de meus primeiros artigos, de jovem autor, estudava o urso no pensamento grego, na mitologia e no culto. Tema que retomei recentemente, 35 anos depois, num artigo da *Revue des Etudes Anciennes* que se intitula *Les Ourseries de Brauron*, para o qual criei o neologismo "ourserie" (n.d.t. "relativo ao urso", "coisas do urso").

Portanto, eu já havia me interessado pela história das religiões. No fundo, o que me interessava na história de Pirro era, de um lado, a história política, no sentido moderno do termo, ou seja, não apenas as batalhas, mas também a situação econômica do reino de Pirro. Eu também trabalhava sobre estes problemas políticos com toda a sua base sócio-econômica, mas também sobre os problemas de cultura que isto implica, cultura de contatos, em suma o que se chama, em matéria de história religiosa, o sincretismo.

O primeiro fator que foi determinante para mim foram os dois colóquios que fizemos, com colegas de Estrasburgo, sobre os sincretismos na Antiguidade: o primeiro, em Estrasburgo, publicado pela Presses Universitaires de France, o segundo em Besançon, publicado em Leyde (Holanda). Eu fui levado a refletir sobre este fenômeno tão importante na história das religiões que é o sincretismo, ou seja, o encontro de duas religiões que se "explodem" mutuamente, gerando outras formas religiosas. Um fenômeno religioso nunca desaparece totalmente e se enriquece continuamente. Eu dou como exemplo esta grande deusa ou esta Santa Virgem chamada Nossa Senhora de Guadalupe, espanhola na origem, transportada para as Américas com a conquista, e que comporta traços antigos ibéricos, celtas, cristãos, árabes. Esta personagem, extraordinariamente sintética, impô-se como A virgem da América Latina.

Paralelamente aos problemas dos sincretismos, a idéia de escrever uma história da religião grega que tive então, está ligada aos encontros que fiz na Itália. Fui levado, em particular, por meu velho amigo Franco Sartori, em uma série de seminários publicados em Pádua (nas *Praelectiones Patavinae*), a estudar formas primitivas de religião. Trabalhei, também, bastante em Milão, com Mario Attilio Levi, o grande professor que dominava, na época, todos os problemas de história antiga na "Alta Italia". Aqui, tratava-se de voltar no tempo e eu o fiz como um animal que andasse para trás: eu estudei, primeiro a época dos palácios micênicos, depois cretenses. Daí, voltei mais atrás ainda, até às religiões neolíticas e enfim paleolíticas.

Procedendo assim, voltando no tempo, eu cheguei a uma visão *genética* que faz com que todo o passado guarde seu valor, quando as religiões evoluem pelas grandes invasões, migrações e conquistas ou, ao contrário, por estas pequenas modificações internas que Lévi-Strauss chamou de "bricolages". Foi um esforço considerável que me tomou praticamente dez anos. Dele saíram seminários em muitas universidades (e em Besançon durante uns 20 anos) que reuni num livro, *Bêtes, dieux et hommes*, que tenta colocar os problemas religiosos do homem, desde as primeiras sociedades até a Grécia das cidades.

Era, de fato, um assunto que me interessava, mas um assunto tão vasto, tão enorme, que eu trabalhei sem parar, sem nunca esgotar a matéria. O que me apaixonou é uma história genética. Não que eu seja, de maneira nenhuma, contra o estruturalismo no estudo das religiões, o que, com frequência, se chama a Escola de Paris que se desenvolveu com brilho em torno de J.-P. Vernant. Eu acho que eles fizeram e fazem ainda coisas admiráveis, mas não é o que eu faço. Eu também me interesso por estruturas - toda pesquisa histórica é uma busca de estruturas - mas, sobretudo, pela evolução das estruturas; por conseguinte, podemos dizer que o que eu tenho em mente é uma concepção genética da história das religiões.

3. *A obra de Vernant, da Escola de Paris, faz muito sucesso no Brasil. Poderia falar mais sobre esta obra, situá-la num contexto mais amplo?*

A leitura estruturalista foi e é fundamental no desenvolvimento atual da história antiga. Sem falar da obra de Cl. Lévi-Strauss sobre as sociedades ameríndias, ela renovou a história das ideologias indo-europeias (com Georges Dumézil) como a mitologia grega, com J.-P. Vernant, sobre a qual nunca poderemos exagerar a contribuição enquanto paradigma, iniciador e formador.

4. *E em relação à história das religiões, a preocupação didática não se manifestou?*

Ao contrário. Também aqui eu quis fazer algo, já que não havia na França uma história das religiões primitivas destinada aos alunos do Liceu, aos professores dos Colégios e Liceus, portanto um meio não-universitário, mas muito importante. Eu acabei de escrever um livro que se chamará *La création des dieux: de Lascaux à Rome*. É nisto que tenho trabalhado ultimamente e, por momentos, há inflexões que podem ocorrer; minha incursão japonesa é uma delas.

Eu fui convidado pela Sociedade Japonesa para o avanço das Ciências, que é análogo ao CNRS francês, para passar dois meses em Tóquio, quando de um colóquio do GIREA (Grupo Internacional de Pesquisa sobre a Escravidão Antiga) sobre a escravidão, portanto sobre problemas não ligados às minhas pesquisas sobre religião. Eu fiquei mais tempo e tive a ocasião de encontrar muitos colegas, que traduziram para mim os textos indispensáveis (já que infelizmente não sei japonês). Eu estudei um mito fundamental do imaginário japonês, muito próximo do tema da Santa cólera de Deméter, na Grécia. No mito japonês da cólera da Grande Mãe, ela sacode o mundo, vai destruir tudo e em um determinado momento explodi-lo, quando chega uma pequena deusa que mostra o seu ventre e seus órgãos sexuais e dança uma dança de primavera. Isto faz gargalharem os deuses e a Grande Mãe, e com isto o equilíbrio do mundo é salvo. O que é apaixonante é que não foi a Grécia que influenciou o Japão, tampouco o Japão a Grécia, mas que se trata, aqui, de criações paralelas do espírito humano diante das mesmas circunstâncias. Por outro lado, isto inspira reflexões imensas, na medida em que nós compreendemos qual é o papel da feminilidade, dos órgãos sexuais, pelos quais se opera a sobrevivência biológica da humanidade, pela copulação e, em seguida, pelo parto. Tudo isto poderia ser resumido pelo termo "feminidade" ou, talvez, pelo de "maternidade". Uma maternidade que não tem os escrúpulos de uma civilização abastardada pelo cristianismo e seu desprezo pelo sexo. Ao mesmo tempo, eu tentava resolver um enigma que eu tinha colocado quando tinha 20 anos, quando seguia as aulas do grande Charles Picard, que tinha assinalado esta semelhança entre Grécia e Japão, e que ninguém tinha explicado. Eu tinha a intenção de fazer um pequeno artigo depois um grande artigo, e acabou saindo um livro, *Colère, sexe et rire* que estuda não apenas este problema, mas também as relações entre as diferentes religiões, as migrações que carregam as influências religiosas, etc.

5. *Podemos constatar, pela lista de seus trabalhos, que o Sr. viajou muito, nos livros como na vida. A especialização excessiva parece não interessá-lo.*

Este é o caminho em que trabalho há mais de 20 anos. Agora, estou publicando dois livros, na grande coleção "Les premières civilisations"; o primeiro é o chamado *Des despotismes orientaux à la cité grecque*, é um manual para

estudantes e público letrado. Este é o ponto em que cheguei na minha pesquisa e isto de fato implica que eu circulo muito, nos livros e nos quilômetros. Minha viagem ao Japão foi, é claro, determinante, mas também fui ao Canadá e ao Brasil para estudar os aspectos religiosos das sociedades indígenas pré-colombianas, e a Madagacar, para pesquisas do mesmo tipo.

6. *Este itinerário atípico nem sempre foi bem entendido pelos colegas. Sem querer voltar às relações com o grupo de Paris, o Sr. esteve envolvido em algumas polêmicas...*

Estes debates já são muito antigos e não têm muito interesse. Só um exemplo: eu sempre defendi que a destruição dos palácios na Grécia e em Creta, por volta de 1.200 a.C., foi o resultado de vários fatores, onde as migrações dórias desempenharam um papel importante. De fato, eu não sei como se poderia explicar, se nós observamos um mapa dos dialetos gregos, esta longa faixa de dialetos ditos do Noroeste (que são muito próximos do dório) (e também os dialetos do Peloponeso), a não ser por uma massa migratória importante, que foi destruidora, ao mesmo tempo em que trouxe seu dialeto. Fui acusado, por isso, de racista (!), o que é curioso, tendo em vista as opiniões políticas que sempre manifestei, mas é desolador, como amostra da incompreensão e como exemplo dessas querelas universitárias que são humilhantes para o espírito.

7. *O Sr. fundou, há mais de 20 anos, o Centro de Pesquisas de História Antiga, de Besançon. O trabalho individual não lhe pareceu suficiente? Fale-nos desta experiência.*

É com prazer que falo do *Centre de Recherches de Besançon*. Este centro é uma obra muito importante para mim porque eu consegui encontrar um certo número de temas de intervenção, como a escravidão, em ligação com vários pesquisadores de outros centros que também trabalham sobre a escravidão. As pesquisas são grupadas nos colóquios do GIREA (*Groupe International sur l'esclavage dans l'Antiquité*), que é uma invenção franco-italiana, conduzida no início por M.A. Levi, de Milão, E. Lepore, de Nápoles, e eu próprio. O ato institucional de criação do GIREA foi assinado por nós três em Roma, na Embaixada da França, o que é divertido já que depois disso, nunca houve mais nada de institucional, mas que sempre houve o trabalho em comum. Nós já publicamos 18 colóquios, o 19º está no prelo e o 20º foi organizado, em Besançon, em 1993. Nós acabamos de publicar, com os amigos de Nápoles, um volume reagrupando a totalidade destes colóquios, indexados tematicamente, o que representa um grande instrumento de história social antiga.

Ao lado da escravidão e do GIREA, há todo um setor que se interessa pelas religiões e cujos resultados começam a aparecer, já que trabalhamos também com os colegas de letras clássicas. Nós funcionamos em inter-disciplinaridade. Nós já publicamos uma tradução da *Biblioteca* de Apolodoro, que vai ser seguida de um index de Apolodoro, e de um livro de comentários. Ao mesmo tempo, nós "atacamos" Higino e os famosos mitógrafos gregos do Vaticano. Isso quer dizer que quando nós tivermos publicado traduções, index e comentários de todo este conjunto (em cinco anos aproximadamente), nós teremos, à disposição de um largo público, traduções que permitirão trabalhar depressa, ao mesmo tempo que os volumes de index gerais sobre o grego e o latim, pois o nosso primeiro esforço foi o de colocar os textos em computador. Esta operação foi feita graças à ajuda do CNRS, na Bélgica, em Liège.

Além disso, nós temos em nosso Centro pesquisas diversas sobre as Gálias: problemas das paisagens, problemas políticos, corpus de inscrições. Nós concluimos o corpus das inscrições latinas do Franco-Condado, que nós vamos publicar, e que substituirá o CIL 13, que já tem 100 anos. Uma pesquisadora publicou um corpus das representações dos Bárbaros no Ocidente. Outra colega trabalha sobre as ânforas gaulesas e romanas, estudando os centros de produção e difusão, as rotas de comércio...Enfim, nós temos um grande setor que é dirigido por minha esposa que, depois da minha aposentadoria, dirige o Centro e, neste setor, vários pesquisadores trabalham sobre os cadastros na Antiguidade. Estes estudos, que eram feitos no início com meios artesanais, são feitos, agora, a partir de imagens laser, e é surpreendente ver todos os traços que os cadastros antigos deixaram na paisagem até hoje.

Este Centro de Pesquisas é, para mim, algo de muito importante. Eu o dirigi durante uns 20 anos. Ele permitiu a muitos pesquisadores que não são necessariamente de Besançon (que são professores ou pesquisadores em outras universidades), trabalhar conosco e é isto o mais importante (um certo nível de pesquisa, não pode mais haver pesquisa solitária). Este Centro é acompanhado da nossa revista, *Dialogues d'Histoire Ancienne*, que se tornou tão importante que fomos obrigados, há 4 anos, a fazer dois volumes por ano.

8. *Um problema específico da história antiga é o caráter da sua documentação. Como se situar diante disto?*

É um problema difícil, inverso ao da história contemporânea, cuja documentação é abundante demais e se é obrigado a proceder por amostragem. Mas eu acho que para a história antiga é preciso não considerar apenas um tipo de documento. Há uma história global que deve ser levada em conta. Vou dar um

exemplo: fiz recentemente um estudo sobre a topografia de Esparta. Tomei uma rua de Esparta, tal como ela é descrita por Pausânias, e estudei todos os santuários, os deuses e os heróis honrados nesta rua. Eu tiro conclusões estatísticas sobre a importância de tal ou qual deus, mas o que é mais importante, sobre tal categoria divina, como por exemplo as deusas-mãe ou então os jovens deuses da vegetação, ou ainda os deuses ligados a uma atividade política. Isto me permitiu abordar a vivência religiosa dos Espartanos. Eu tinha partido com a idéia de que em Esparta, que entretanto não era um sítio micênico, haveria restos desta época, porque o micênico forma um peso que nunca deixou de agir sobre a consciência religiosa dos gregos. Meu estudo mostrava que 3/4, 4/5 do total tinham referência às grandes construções ideológicas do Bronze recente, portanto ao micênico. Como era a primeira vez que eu utilizava este método, fiz um estudo igual para outra rua, que dava a mesma proporção. Temos aqui um tipo de trabalho que exige minúcia na análise. Por outro lado, não devemos recusar métodos de análise que possam vir de outras ciências; a informática pode ser útil, não apenas porque serve de elemento de estocagem, permite fazer index seguros, o que já é muito. Com a informática, uma série de raciocínios se tornam possíveis, em especial a análise fatorial de correspondências. Não é mais o computador enquanto estocagem; aqui, a máquina é utilizada para revelar realidades que demoraríamos muito mais tempo para perceber.

Portanto, digo que é preciso ser do seu tempo, e isto sempre foi fundamental para mim; não tentar brincar de fazer história antiga de maneira arcaica, a história de 1910, puramente erudita, quando um pesquisador tinha a impressão de criar algo novo quando conseguia mostrar que faltava um iota subscrito em determinado texto. Distingo, também, problema e problemática: eu me coloquei o problema de saber quais eram os cultos de Esparta, fiz uma experiência, ela deu certo. Por conseguinte, tenho aqui um pequeno resultado e eu posso me interessar, de maneira mais profunda, em definir o imaginário espartano e então, após outros estudos de problemas particulares, poderei finalmente estabelecer uma problemática geral.

9. Qual elemento poderia ser definido como o fio condutor de sua obra?

Há um fio comum que é a paixão pela Antiguidade, o que não quer dizer admiração automática. A Antiguidade era também a época dos escravos e outros horrores, ainda que nós tenhamos inventado outros tão terríveis como os da Antiguidade. Outro elemento que sempre esteve presente é um certo fervor, um certo engajamento, que me leva a reconstituir uma civilização unindo textos literários, os resultados da Arqueologia, das moedas, das inscrições...Eu sou por uma história globalizante e isto pode ser visto ao longo de minha obra.

10. *Após ter desempenhado um papel hegemônico no século XIX, a história antiga se tornou, no século XX, segundo a fórmula de Arnaldo Momigliano, "um ramo provinciano da história". O Sr. está de acordo com esta avaliação?*

A história antiga não é "um ramo provinciano da história" e, aliás, a obra de Momigliano basta para provar isso. Ela é tanto menos "provinciana" que o problema geral das transições está na ordem do dia. Ora, há duas transições fundamentais, sem as quais o desenvolvimento das sociedades não pode ser compreendido: a transição da Idade do Bronze à Idade do Ferro, quando aparecem as cidades; a transição da Antiguidade à Idade Média. Por outro lado, o diálogo está aberto com os antropólogos, o que vivificou consideravelmente a nossa disciplina.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA DE PIERRE LÉVÊQUE

Agathon. Paris, Les Belles Lettres, 1955.

Pyrrhos. Paris, De Broccard, 1957.

Nous partons pour la Grèce. Paris, PUF, 1961.

Nous partons pour la Sicile. Paris, PUF, 1966.

Clisthène l'Athénien (com Pierre Vidal-Naquet). Paris, Les Belles Letres, 1964.

L'Aventure grecque. Paris, Armand Colin, 1964.

Les grandes divinités de la Grèce (com Louis Séchan). Paris, De Broccard, 1966.

Empires et barbaries. Paris, Larousse, 1968.

Bêtes, dieux et hommes. L'Imaginaire des premières religions. Paris, Messidor/Temps Actuels, 1985.

Colère, sexe, rire. Le Japon des mythes anciens. Paris, Les Belles Letres, 1988.

La naissance de la Grèce. Paris, Gallimard, 1990.